

# CAMÕES LÍRICO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-LITERÁRIA DO DISCURSO CAMONIANO

THIAGO PEREIRA MAIA\*

VALDILENE ZANETTE NUNES\*\*

## RESUMO

A análise linguística dos mais variados textos propicia um vasto campo de estudo, pois o ato de linguagem abarca, em sua essência, a busca pelo sentido e as variáveis que influenciam a constituição deste. Este artigo contempla uma possibilidade singular de entender a Linguística como parte de um processo comunicativo, analisando o *corpus* discursivo, dentro de uma perspectiva, também literária, afinal Literatura e Linguística representam, juntas, o objetivo principal de qualquer autor: transmitir uma informação. Nessa perspectiva, um dos maiores representantes do uso da Língua Portuguesa em sua potencialidade de recursos e o precursor do início de um idioma ainda em formação e que, pouco a pouco, afastava-se de sua matriz – o Latim – é Camões e, não à toa, considerado um dos grandes escritores lusófonos de todos os tempos. Neste trabalho, estudam-se alguns de seus poemas líricos como amostras, a fim de analisar o discurso neles presente, utilizando para isso áreas da Linguística como a Sintaxe, a Estilística e a Semântica. A proposta visa justificar a aprendizagem de conceitos linguísticos, em particular dos referidos campos de estudo citados, na prática comunicativa – em especial, aqui, dos textos poéticos. Com isso, o entendimento de como funcionam essas teorias da linguística, de forma expositiva, pode auxiliar sobremaneira trabalhos com interpretação de texto e, além disso, apresenta um olhar interessante de como elas operam na *práxis* textual, a qual remontará o discurso.

## PALAVRAS-CHAVE

Camões, Análise do Discurso, Sintaxe, Semântica, Estilística.

\* Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade Católica de Santos

\*\* Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora dos cursos de Licenciatura Letras, Tradução, Pedagogia e Relações Internacionais da Universidade Católica de Santos. Coordenadora Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca compreender, por meio de um estudo analítico da linguagem verbal, o processo de produção do sentido em um discurso e as influências por este sofridas durante sua confecção; para tanto, é preciso compreender os processos de formação discursiva em nível estrutural, sobretudo nas esferas da Sintaxe, da Semântica e da Estilística.

Da Sintaxe, pois o entendimento estrutural da língua nos possibilita compreender o seu princípio de funcionamento, as possibilidades de arranjos frasais responsáveis pela formulação deste ou daquele sentido e as ferramentas utilizadas nesse processo de composição; da Semântica, porque o estudo do sentido das palavras em um discurso pode nos dar valiosas contribuições a respeito da ideia que se trabalha nele. Considerando que o objetivo de um texto verbal ou não-verbal é o ato comunicativo e que, para que este ocorra, é necessário que tanto o interlocutor quanto o emissor atribuam um sentido à informação veiculada, os estudos semânticos são de essencial importância em análise de linguística textual; por fim, da Estilística ao se considerar a linguagem como vetora de uma subjetividade, ou seja, que ganha uma expressividade. Os estudos estilísticos nos permitem compreender as ferramentas linguísticas pelas quais a linguagem expressa sentimentos, emoções, e as exterioriza por meio da palavra.

Todas essas três esferas de estudos linguísticos trabalharão a favor de uma área macro, a Análise do Discurso, em um estudo gradativo que partirá da estrutura linguística do enunciado, passando pelo texto e chegando à ideologia proposta no respectivo discurso.

A ideologia de um autor extremamente importante para que entendamos não apenas mais sobre ele como também sobre todo o contexto em que ele vivia: a sociedade, a época, o momento histórico. Em suma, todas as condições que, de alguma forma, foram fatores influenciadores tanto de suas ideias quanto de sua maneira de transmitir. Ela é, por regra, a materialização da palavra em signos e a concretização do pensamento do respectivo escritor, podendo estar implícita ou não, como veremos aqui.

Por isso, dá-se por relevante discutir a questão ideológica do discurso camoniano em suas construções sintático-semânticas das estruturas frasais, analisando o efeito de sentido que é desejado pelo eu-lírico, já que, segundo Michel Pêcheux, é impossível “analisar um discurso como um texto” (2010, p.78). É preciso, antes, associá-lo à exterioridade da voz textual, posto que ele é um produto de uma reação histórico-social que o constitui.

## 1 SEMÂNTICA

O ser humano é, em seu cerne, questionador. Uma de suas maiores dúvidas, em maior ou menor grau, é pautada já diretamente no sentido de sua existência, o que permeia, muitas vezes, raciocínios que muito raramente são respondidos de maneira exata, tendo em vista a complexidade do seu próprio pensamento.

A busca pelo sentido não se restringe a uma perspectiva biológica; a analogia com a situação existencial é válida quando consideramos, também, o fato de sermos seres sociais e buscarmos, incessantemente, compreender, dentro das situações comunicativas, não só o que lemos mas também o que ouvimos. Significar, dar sentido, portanto, são ações – ideológicas

– que fazem parte da conduta das pessoas, pois isso é, em uma perspectiva antropológica e enquanto ser, existir.

Logo, com a comunicação humana não poderia ser diferente. A Semântica, enquanto ciência linguística, estuda justamente a condição do sentido atribuído aos enunciados produzidos nas situações de interação, sejam estes escritos ou falados, propiciando ferramentas que auxiliam a compreensão e elevam a qualidade do que se fala ou lê em ambas as situações.

### 1.1 O QUE É SEMÂNTICA?

Por definição literal dada pelo dicionário de Scottini (2009, p.492), temos que Semântica é a “parte da Gramática que estuda o conteúdo e o significado das palavras; uso de palavras em sentido figurado.”

E, comumente, essa correta definição se perpetua pela grande maioria dos compêndios gramaticais. É fato que a Semântica investiga o sentido das palavras aplicado em um contexto linguístico, propiciando que o interlocutor ou leitor compreendam de maneira efetiva a mensagem à qual estão expostos, mas, aparentemente, trata-se de uma acepção muito genérica, sobretudo se consideramos que a palavra está aplicada dentro de uma proposição, e os semanticistas também a refutam, argumentando que, além da palavra, investiga-se uma estrutura macro, a oração, o que gera diferentes interpretações.

Segundo Ilari e Geraldi (1995, p.5),

Duvidamos que esse enfoque seria realmente esclarecedor para o leitor. As posições sobre o que é significação são inúmeras e extremamente matizadas e vão desde o realismo dos que acreditam que a língua se superpõe como uma nomenclatura a um mundo em que as coisas existem objetivamente, até formas de relativismo extremado, segundo as quais é a estrutura da língua que determina nossa capacidade de perceber o mundo [...]

De todo modo, a Semântica não se aplica apenas à palavra, porém a toda a estrutura do discurso no qual ela está inserida, ainda que não se tenha uma acepção definida a respeito dessa ciência linguística, algo também afirmado pelo semanticista Guiraud (1964, p.5),

*La sémantique est l'étude du sens des mots. Mais des observations, des théories et des points de vue récents reposent actuellement ce vieux problème; et, comme toutes les sciences à la fois très anciennes et très nouvelles, la sémantique souffre de n'avoir encore ni exactement défini son objet, ni clarifié sa terminologie. C'est pourquoi le spécialiste aussi bien que le profane se trouvent dérouterés devant les emplois qu'ils rencontrent chaque jour de ce terme.<sup>1</sup>*

### 1.2 APLICAÇÃO DA SEMÂNTICA

Sabemos o quanto a língua portuguesa apresenta possibilidades inúmeras de atribuição e aplicação de sentidos. Isso significa que nem sempre iremos aplicar uma palavra existente no léxico de maneira esperada, em sua acepção literal, mas sim contextualizada, figurada. A isso chamamos CONOTAÇÃO. Vejamos um exemplo:

- I. O bolo de cartas que você recebeu era só um amontado de cobranças.
- II. Estava delicioso o bolo que comemos no café da manhã.

Agora, observemos, segundo o dicionário Scottini (2009, p.12), o significado da palavra BOLO: “s.m., Massa composta de farinhas, amassada para alimento com ovos, açúcar e outros ingredientes; gír., dar o bolo, enganar.”

Ao procurar o significado do vocábulo BOLO no dicionário, encontraremos o sentido real da palavra, literal, o qual se aplica em um contexto comum e facilmente reconhecido pelos falantes do idioma. A esse fenômeno, damos o nome de DENOTAÇÃO.

Voltando às frases e à luz da acepção vocabular, fica fácil concluir que a conotação é constituída de um todo completamente ideológico, relativo, pois associa a imagem que se cria entre o amontoado de cartas, enquanto conjunto de elementos - assim como os que fazem um bolo comestível -, com o alimento que usualmente denominamos dessa forma.

Ainda que não haja uma proximidade de significados e em ambas as construções frasais a mesma palavra apareça, é a capacidade associativa que a ressignifica; além disso, ainda sob a ótica da aproximação ou distanciamento do significado representadas por conotação e denotação, ocorrem as relações de **sinonímia** entre as palavras felicidade/alegria, bonita/bela; indispensável/imprescindível, em que apresentam similaridades quanto à ideia que expõem, dado o consenso de que são pares afins, sem esquecer a **antonímia**, em que as palavras apresentam realidades antitéticas do ponto de vista conceitual, tais quais bem/mal; bom/mau; caro/ barato, dentre outras possibilidades paradigmáticas dentro do código.

### 1.3 TIPOS DE SEMÂNTICA

A semântica, enquanto ciência da linguagem, possui várias subdivisões que se preocupam com determinados focos de estudo e entende o sentido de uma forma muito peculiar. Encontraremos, caso investiguemos, vários tipos de semânticas, ora ligadas ao texto, ora ligadas às unidades menores como as orações e seus termos constituintes. Neste trabalho, serão evidenciados em tópicos algumas dessas tratativas, em especial as que subsidiarão os trabalhos futuros de análise dos textos-amostra, o que não exclui a importância dos demais tipos.

#### 1.3.1 Semântica Formal

Falar de semântica lexical é, fundamentalmente, preocupar-se com a **lógica** do significado e, não à toa, essa subdivisão também é conhecida como semântica lógica. Isso fica evidente, por exemplo, se tomarmos como base os conceitos aristotélicos de raciocínio indutivo/dedutivo dos enunciados para validar ou não as condições de verdade de uma sentença. Vejamos os exemplos abaixo:

I. Todo bom aluno tira nota 10. /II. Marina tirou nota 10 na prova./III. Logo, Marina é uma boa aluna.

As orações dos períodos acima contêm estrutura completa se considerarmos a esfera morfossintática (sujeito, predicado e complementos). Reparemos que é no âmbito do predicado em que se concentra a carga significativa de validação a permitir a dedução que se desdobra nas demais proposições; a lógica indutiva funciona da seguinte forma: parte-se de uma afirmação de âmbito geral, como se afirma em I, e conclui-se um fato particular, cuja veracidade é, por meio de uma tautologia, comprovada em III. Faz bem notar que, não menos importante, tem papel relevante a estrutura II, pois parte dela uma afirmação que levará, em âmbito coordenativo, a verdade que se afirma em III - remetendo, pois, a um conceito sintático, posto que II e III possuem uma relação sintática de coordenação, especificamente uma conclusão expressa pela conjunção “logo” a caracterizar essa ideia.

### 1.3.2 Semântica da Enunciação

Também conhecida como Semântica Argumentativa, essa subdivisão da semântica estuda as teorias que fundamentam as análises argumentativas de um discurso. Analisa, dentro da estrutura do texto, as ferramentas e estratégias utilizadas, dentro da esfera do significado, a lógica interna e os recursos que nele se utilizam para buscar a efetividade da retórica. Curioso é que a própria origem da palavra Enunciação apresenta dificuldades quanto à tentativa de se resgatar o seu histórico para entender a heterogeneidade de seu significado, bem afirmam Basso e Ferrarezzi Junior (2013, p.90),

Traduz-se *lexis* (grego) por *dictio* (latim) e este por *énonciation* (francês), o que permite um sentido de enunciação que remete à coisa enunciada, algo expresso; traduz-se *enuntiatio* (latim) por *proposition* (francês), o que permite um sentido de enunciação como “proposição em geral”; além disso, os dicionários latinos dão dois sentidos para o termo *enunciato*: a) exposito, narrado e b) enunciado de um julgamento, proposição.

Para analisar a estrutura do enunciado, a semântica da enunciação, diferentemente da formal (ainda que ambas utilizem a lógica como instrumento comum), faz uso de todos os níveis de linguagem que possibilitem encontrar as marcas textuais que revelem a intencionalidade (fonológico, fonético, morfológico, sintático, pragmático etc.). Isso porque, quando um indivíduo utiliza a língua para emitir um pensamento, uma ideia materializada pela linguagem, ele utiliza todas as ferramentas daquela para estruturá-lo em torno de seu discurso, seja este qual for.

De uma forma prática, podemos verificar a empregabilidade da semântica da enunciação, dentre outras tantas formas, em especial, na forma de polifonia ou lógica dos pressupostos. Sobre isso, afirma Ducrot (1987, p. 172),

[...] é o objeto próprio de uma concepção polifônica do sentido mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes. Mas gostaria, primeiro, para ilustrar a ideia que o sentido do enunciado é uma representação da enunciação de indicar outros aspectos desta representação.

A polifonia, na constituição do enunciado e à luz da definição de Ducrot, são as várias representações de sentido que se podem depreender a partir do próprio dito, com base em “pistas”, mais especificamente marcas linguísticas da verbalização enunciativa, as quais permitem ao leitor/interlocutor captar o que está nas “entrelinhas” do texto.

### 1.3.3 Semântica cognitiva

Ainda na perspectiva do estudo sobre o significado, é importante entender de que forma ele é processado pelo ser humano. Até então, analisamo-lo sob o viés puramente da *parole* em detrimento da *langue*.

O significado vai além da palavra propriamente dita. Quando temos a palavra “leão”, tal vocábulo não tem, necessariamente, relação direta com o referente; ou seja, o signo não é propriamente esse referente, tampouco o representa materialmente, isso em seus dois componentes – o significante, conjunto de fonemas que o compõe ortograficamente, e o significado, a acepção vocabular da palavra aplicada. Dizemos que o signo é, portanto, motivado, adotando-se o princípio saussuriano de pensar a linguagem; todavia, o binarismo palavra-contexto ainda não satisfaz totalmente uma explicação convincente sobre o processamento

do significado. Isso porque ele está além da palavra, além do significado como normalmente o concebemos.

Utilizemos, ainda, o exemplo acima. Quando alguém escuta a palavra “leão”, já lhe vem à mente a representação do signo. Em outras palavras, o interlocutor imagina a representação que a palavra lhe sugere. Isso acontece pelo conhecimento de mundo adquirido pelo indivíduo ao longo de sua vida, permitindo, assim, um efetivo processamento de informações em que o cérebro consegue representar o objeto mentalmente.

O conhecimento das características dos objetos que nos rodeiam permite que façamos com eles associações distributivas ou mesmo ampliemos sua rede de significados. É desse modo que podemos trabalhar com metáforas e textos polissêmicos, respectivamente.

### 1.3.3.1 Metáfora

A metáfora é uma importante área de estudo da semântica cognitiva, pois o trabalho com o significado, aqui, é feito de uma forma completamente ideológica, exigindo do interlocutor um conhecimento aprofundado das aplicações do signo linguístico no código. Ela constitui uma forma interessante de trabalhar o sentido, pois atua justamente no âmbito de transição entre literal e não literal; é, portanto, uma forma de transferência de características peculiares de um universo para outro; mais do que uma comparação sem conectivo, tal qual normalmente é vista nos compêndios gramaticais, trata-se uma relação intrínseca entre os elementos que estão sendo colocados em pauta.

Tome-se como exemplo o lexema “touro”; a imagem mental que nos vem à mente quando da representação icônica do signo é a do animal e, junto a isso, os predicados que fazem parte de sua caracterização, os quais normalmente empregamos como valores – força, bravura, coragem etc. Quando dizemos sentenças figurativas como “Fulano é um touro”, é fato que ele se torna irreal se a interpretarmos apenas na esfera literal; o próprio contexto de aplicação, apoiado ao conhecimento de mundo de quem recebe a mensagem é que permite irmos além da superfície da sentença, chegando à conclusão de que estamos falando da força que é comum ao “touro” e ao Fulano.

Existem dois campos semânticos sendo tratados, representados pelos respectivos lexemas – fulano e touro. No campo das ideias, existe um ponto em comum que os une: a força.

Notamos que a metáfora se justifica no âmbito da semelhança, como também diz Rocha Lima (2013, p.598), “Assenta a metáfora numa relação de similaridade, encontrando o seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: a associação de ideias.”

Julius Greimas explica, por meio da teoria representada na análise sêmica, que existe uma transferência de semas – unidades menores de significação que compõem os lexemas, estes como as palavras que formam o vernáculo da língua – de uma palavra a outra, por meio da troca de significados mútua que ocorre no interior dos sememas.

Vejamos isso no quadro abaixo, esquematizando, pois, a análise sêmica:

<b>Semas</b> <b>Lexemas</b>	<b>Força</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Peso</b>	<b>Ser Animado</b>
Fulano	-	-/+	+	+
Touro	+	-/+	-	+

Fonte : Autoria Própria

Segundo explica Greimas (p. 1973, p.48),

cada lexema da lista é, como se vê, caracterizado por certo número de semas e pela ausência de outros. Essa ausência deve ser interpretada como a manifestação da existência de uma oposição sêmica que disjunta, a partir de uma base sêmica comum, o lexema dado dos outros lexemas possuídos desse sema.

Em outras palavras, quando usamos o sinal + na grade, significa que o lexema possui tal característica atribuída pelo sema; ao contrário, quando usamos -, quer dizer que o lexema não possui a característica indicada pelo respectivo sema. Em casos específicos, -/+ podem indicar que dupla possibilidade, a depender do contexto. O sema são as atribuições possíveis àquela palavra (lexema ou semema).

Partindo dessa teoria, podemos afirmar que na metáfora ocorre a transferência de semas de um lexema a outro, de forma mútua, e o casamento dessas unidades mínimas de significado completa reflexivamente os universos comparados. Concluem, pois, Fiorin e Platão (2003, p.122): “Metáfora é, então, a alteração do sentido de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire existe uma intersecção.”

## 1.4 RELAÇÃO ENTRE SEMÂNTICA E DISCURSO

Como abordamos no tópico anterior, a semântica está interessada em estudar o impacto do significado no sentido – esse de cunho contextual – na prática enunciativa.

Pode-se afirmar que nenhum texto, seja ele de modalidade verbal ou não-verbal, é produzido à revelia; implícita ou explicitamente, ele esconde uma intencionalidade, normalmente direcionada a um alvo – a que se chama, comumente, público-alvo.

Mediante a intenção do texto, o autor constrói, tece, uma rede de sentidos que lhe permita atingir um determinado leitor, a qual chamamos discurso.

Deduz-se, portanto, que, para a garantia efetiva de transmissão e assimilação das informações veiculadas pelo discurso, é preciso que o conhecimento do enunciador e do receptor tenham algum ponto em sincronia, do contrário, haverá ruído; tal efetividade passa pelo entendimento de que o sentido atribuído pode variar de acordo com quem recebe a informação e essa variação se dá pelos diferentes saberes que cada indivíduo acumula ao longo de sua vida, partindo de uma premissa essencialmente empírica.

### 1.4.1 A análise do discurso

Quando nos deparamos com um texto, é preciso passarmos do nível de leitura meramente superficial – simplesmente decodificar as palavras, entendendo-as de forma literal e sem conexões lógico-semânticas efetivas do ponto de vista da efetiva assimilação da informação – e chegar ao seu nível profundo, quando interpretamos de forma mais abstrata e geral (no sentido de amplitude contextual) as variadas funções da linguagem, fazendo analogias verossímeis (intra e extratextuais) bem como a relação sintagma – paradigma dentro do *corpus* textual. Em suma, é necessário ir além das aparências do texto, interpretar o que está oculto no discurso, os entremeios, as entrelinhas – a intencionalidade.

A análise do discurso, enquanto ciência linguística, propõe, além disso, o questionamento, o desenvolvimento do senso crítico do leitor para que este compreenda o sentido global do texto – “um discours n’est pas qu’une simple suite d’énoncés posés les uns à côté des autres (CHAROLLES, 1995, p.1)<sup>3</sup> –; é necessário considerar o sujeito produtor do enunciado

como portador de uma subjetividade a qual será impressa em sua produção. Nesse ínterim, compete ao analista/leitor encontrar e entender a ideologia veiculada no discurso por meio de instrumentos não só linguísticos, mas também considerando os contextos histórico, político, social que o envolvem, como afirmam Piovezani e Sargentini (2011, p. 58): “A AD, inclinada para a repetição, se interessava pela História com H maiúsculo, se interessava antes pelas estruturas que pelos acontecimentos. Ela deve enfrentar, desde então, as imprevisibilidades da história, as histórias singulares, o acontecimento.”

Assim como temos uma ideia de organização para cada tipologia textual (descritivo, narrativo, dissertativo), precisamos, além disso, entender que o discurso possui uma estrutura lógica que assim o caracteriza e o qualifica; do contrário, o objetivo do enunciador não seria atingido com precisão.

Michel Pêcheux sugere que a interpretação linguística apenas das estruturas sintáticas, semânticas, morfológicas ainda não traduz a materialidade completa de uma ideologia veiculada por um discurso; é preciso, antes, considerar o momento histórico de sua produção bem como o sujeito político produtor e a própria língua, pois sabe-se que a palavra adquire um sentido de acordo com a sua aplicação contextual.

Para Pêcheux (2010, p.222),

O que dizer, senão que o funcionamento dos elementos lógico-linguísticos de um enunciado depende das formações discursivas no interior das quais cada um desses elementos pode tomar um “sentido”, de modo que em última instância, será a configuração das formações discursivas no interior das quais se inscreve uma subjetividade dada que determinará o “sentido” que esse enunciado tomará com o caráter necessário ou contingente, disjuncto ou integrado, etc., dos objetos e propriedades que nele se manifestam?

Sair do nível literal, interpretar as mutações provisórias as quais compõem o âmbito conotativo da linguagem – sem, obviamente, desconsiderar o denotativo – é uma preocupação constante em suas obras, levando sempre a um olhar reflexivo das inúmeras situações comunicativas com as quais se possa ter contato. Para Orlandi (2005),

A prática de leitura proposta por Pêcheux, que constitui propriamente a Análise do Discurso, expõe o olhar leitor à opacidade (materialidade) do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz. Criticando a análise de conteúdo, o psicologismo e o sociologismo, Pêcheux é um herdeiro não subserviente do Marxismo, da Linguística e da Psicanálise na Análise de Discurso, que propõe e que trabalha as relações entre o sujeito, a língua e a história.

A ideologia, elemento componente fundamental do discurso, contudo, não nasce do nada; é, antes, produto do que se vê, do que se percebe na realidade social e, pois, apresenta um significado verossímil. Diz Bakhtin (2006, p.31) que

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. (...) cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade.



O objetivo da análise do discurso, por fim, é utilizar as marcas linguísticas como ferramentas para entender o dito – e o não dito – e compreender não só o intratextual, as intencionalidades, mas todo um histórico social, econômico e político a influenciar o discurso.

L'analyse linguistique du discours a pour mission essentielle de décrire ces marques, à charge pour d'autres disciplines d'exploiter, le cas échéant, les données fournies par cette étude en vue d'une meilleure connaissance des phénomènes de tous ordres liés à la circulation des textes et documents dans la société. (CHAROLLES, 1995, p.1)<sup>2</sup>

## 2 SINTAXE

A Sintaxe – do grego *syntaxis*, ordem, disposição – representa uma importante área da ciência linguística. Isso porque, em termos de enunciado, é ela quem estuda os modos de organização dos constituintes sintáticos dentro de uma frase, bem como a função que cada um deles exerce dentro da estrutura da sentença.

Assim como a Fonética, a Fonologia, a Semântica e a Pragmática, a Sintaxe é um dos níveis de análise da Linguística. Conhecer a teoria sintática é, sobretudo, preocupar-se com o *modus operandi* de uma língua, a lógica de composição e estruturação sentencial de seu léxico em termos de enunciado linguística e, dessa forma, transmitir uma informação sem ruídos, de forma eficiente.

### 2.1 A SINTAXE NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Quando falamos, se prestarmos atenção, notaremos que estruturamos as palavras de nossas frases em uma determinada ordem; quando escrevemos, do mesmo modo, respeitamos um padrão sequencial de ordenamento o qual nos permite transmitir a informação de uma maneira lógica, cadenciada.

A Sintaxe é a área da Linguística que se preocupa justamente em estudar as formas de organização dos elementos lexicais e suas relações dentro da frase; é ela quem preconiza as possibilidades e regras de combinações das palavras dentro de uma sentença, cuidando em veicular um sentido compreensível.

Todo falante nativo de uma língua conhece, embora elementarmente, noções de sintaxe. Isso explica, por exemplo, quando, mesmo sem conhecer as regras de concordância ou os princípios os quais regem a análise sintática, ordenamos, intuitivamente, sujeito antes de predicado e não o contrário – este último denominado topicalização, o que não caracteriza erro, tornando-se um recurso de ênfase objetivada no discurso para determinado fim.

Com efeito, estudar a Sintaxe permite ao usuário da língua conhecer melhores recursos de seleção e combinação de palavras – âmbito paradigmático e sintagmático –, construir de maneira efetiva os enunciados linguísticos, atendendo às regras que norteiam o referido idioma, adotando o princípio de uma lógica frasal melhor elaborada para atingir o objetivo principal: comunicar, sobretudo.

Para ilustrar melhor o conceito de paradigma e sintagma, coloquemo-nos uma situação cotidiana. Imagine que você irá a uma festa e precisa escolher o que irá vestir. Ao seu dispor, existem várias peças – variados tipos de camisas, calças, shorts. Consideremos o seguinte panorama:

CALÇAS	CAMISAS	SHORTS	CALÇADOS
Azul	Polo	Preto	Social
Preta	Listrada	Verde	Esportivo
Branca	Sem manga	Amarelo	Sapatênis
Listrada	Social	Branco	Sandália

Fonte: Autoria Própria

No quadro acima, vemos as inúmeras partes que compõem o vestuário. A essas tantas possibilidades únicas, podemos denominar **paradigma**.

Agora, observe algumas combinações a seguir:

Possibilidade I – Calça Azul + Camisa Polo + Sapatênis;

Possibilidade II – Calça Listrada, Camisa Social + Sapato Social;

Possibilidade III – Calça Preta, Camisa Listrada, Sapato Esportivo

Às combinações propriamente ditas em I, II e III, já estabelecidas em ordem e dispostas em uma lógica estrutural, chamamos **sintagma**.

Em termos de linguística, as várias palavras do léxico são o eixo paradigmático; ao organizá-las em uma sentença logicamente estruturada, estabelece-se o eixo sintagmático.

Pode-se dizer, então, que o falante *escolhe* entre um conjunto de possibilidades de formas que ainda estão *ausentes* no discurso e *relaciona* aquelas que escolheu para que passem a estar *presentes* nesse “arranjo” linear que está construindo. A escolha entre o acervo virtual, de certo modo, realiza-se numa linha vertical que contém todas as possibilidades: a este conjunto de unidades *em ausência* no discurso é que chamamos de *eixo paradigmático*. Ao arranjo que se vai estabelecendo, mediante leis de construção ou de relação da língua, com as unidades *em presença* no discurso, chamamos de *eixo sintagmático*. (SAUTCHUK, 2004, p.10 – grifo do autor)

Assim como as peças de roupa, também as palavras, quando se organizam em orações, podem ocupar diferentes espaços nas estruturas de seus respectivos períodos. Em outros termos, dependendo do grau de relevância que se pretende conferir a algum elemento sintático, o enunciador pode determinar de qual modo pretende veicular a mensagem. De tal modo, quando dispostas na frase, organizam-se em grupos. Esses grupos possuem funções distintas de acordo com a palavra mais importante que eles comportam (a ser definida pela semântica da estrutura).

Conforme explica Saussure (1971, p.171),

D’une part, dans les discours, les mots contractent entre eux, em vertu de leur enchaînement, des rapports fondés sur le caractère linéaire de la langue ... Ceux-ci se rangent les uns à la suite des autres sur la chaîne de la parole. Ces combinaisons qui ont pour support l’étendue peuvent être appelées *syntagmes*. Le syntagme se compose donc toujours de deux ou plusieurs unités consécutives (par exemple: re-lire; contre tous; la vie humaine; Dieu est bon ; s’il fait beau temps, nous sortirons, etc.) (grifo do autor)<sup>4</sup>

Percebemos que toda a enunciação se dá a partir da constituição dos sintagmas nominal e verbal. Sobre isso, afirma Parret (1976, p. 419) que “(...) le nom (syntagme nominal) et le verbe (syntagme verbal) sont les principales parties du discours, celles sur lesquelles est fondée la construction des phrases.”<sup>5</sup>

### 2.3.2 Inversão dos sintagmas em Camões

Nos poemas, de uma forma geral, é normal que os escritores escolham determinadas formas estilísticas (sobre estilística, veremos detalhes no capítulo específico). Essas variações de escrita são adotadas para causar um efeito de sentido o qual, pela sua forma, enriquece o texto. Em particular, nos textos de Camões, a inversão da ordem normal é algo bem frequente, o que pode significar, além do estilo próprio do leitor, tendências de construção da época, intencionalidades, dentre outros fatores.

A tendência geral da literatura parece ser a de admitir que a posposição do sujeito é previsível, embora dependa de uma variedade bastante grande de fatores semânticos e informacionais. Ou seja, não haveria verbos individuais que, independentemente de seu significado ou do valor informacional de seus argumentos, impediriam a posposição do sujeito. (PERINI, 2008, p. 273)

## 3 ESTILÍSTICA

Ao escrever, apresentamos determinadas particularidades as quais refletem e caracterizam nosso modo de escrever; ora usamos com maior frequência palavras mais eruditas ou mais informais; ora preferimos usar maneiras figuradas para ilustrar, reforçar ou enfeitar nosso discurso – as chamadas figuras de linguagem –, ou mesmo adotar uma linguagem mais objetiva, marcada pela precisão de significado. Essas peculiaridades refletem o estilo do enunciador, embora sejam mais do que somente idiosincrasias.

Tais características refletem intencionalidades, visão de mundo, acúmulo de conhecimentos específicos de linguagem (ou a falta deles), influências culturais, em suma, vários fatores compreendidos nas esferas intra e extralingüísticas. O fato é que a Estilística não se prenderá apenas ao caráter normativo da língua; “tem-se assim para objeto de estudo um fenômeno verdadeiramente proteico. Dir-se-ia desses blocos de cristal irregular e multiplamente facetados, cujos efeitos prismáticos dependem do ângulo de observação escolhido.” (CÂMARA JR., 1977, p.3). Isso não significa, porém, que seja mais permissiva com relação às normas gramaticais, mas sim que o seu foco de estudo tem outro viés, além do gramatical: os vários modos com que usamos essa mesma língua, bem como os mecanismos linguísticos – fonéticos, sintáticos, por exemplo – de que nos valem para utilizá-la

### 3.1 DEFINIÇÃO DE ESTILÍSTICA

A palavra Estilística deriva do francês *stylistique* e, em sua concepção original, fazia referência ao estilete que servia de instrumento para escrever em tábuas nos primórdios do desenvolvimento da habilidade de escrita do ser humano.

La stylistique étudie les **moyens d’expression** dont dispose une langue, les procédés généraux employés par elle pour rendre par la parole les phénomènes du monde extérieur aussi bien que les idées, les sentiments et en général tous les mouvements de notre vie intérieure. (CUREA, 2013, p. 43)<sup>6</sup>

Para melhor esclarecer, a Estilística não está preocupada em delimitar as regras que compõem as estruturas linguísticas do enunciado, embora não as despreze; na verdade, ela está imbuída de estudar as particularidades de escrita adotadas nos mais diferentes discursos verbais – “nem a individualização é, aí, em regra, muito nítida e rigorosa. Estamos por demais impregnados na atmosfera social para apresentar a este respeito uma originalidade a cem por cento.” (CÂMARA JR, 1977, p.16). A forma de escrever, aliada à escolha desta ou daquela palavra, bem como os efeitos de sentido que aquelas lexias ou estruturas assumem quando empregadas no texto são responsáveis por constituir o *corpus* textual e, sobretudo, delimitar sua significação para o leitor; é conveniente ressaltar que não podemos pensar nela enquanto mera idiosincrasia – a particularidade de cada escritor ou emissor da mensagem –, pois ela envolve, além de quem escreve ou fala, uma gama de fatores linguísticos intra e extratextuais.

Isso significa que, quando um escritor produz um texto de opinião, por exemplo, obviamente há em seu escrito marcas linguísticas muito caricatas de suas preferências – escolha do léxico, dos arranjos sintáticos que estruturam a lógica do discurso e produzem o sentido, a opinião que ele veicula – todavia, para que ele chegue à determinada conclusão ou opine sobre algum tema, houve, antes, um contato com diversos outros textos que possibilitaram um enriquecimento de suas possibilidades lexicais, sintáticas, fonológicas e, mesmo, estilísticas, bem como de bagagem cultural, fator intrínseco, portanto, ao caráter polifônico do discurso.

## 3.2 TIPOS DE ESTILÍSTICA

Conforme as peculiaridades do autor, ou seja, das variáveis intenções e efeitos pretendidos no texto e no alcance do leitor, a organização do discurso pode ser tomada sob diferentes aspectos.

### 3.2.1 Estilística Sintática

Ao falarmos de estilística sintática, retomamos, em parte, conceitos trabalhados no estruturalismo saussuriano. Isso porque, dentro das possibilidades paradigmáticas e sintagmáticas, podemos combinar as palavras dentro de uma estrutura. Entretanto, a estilística se preocupa com as questões que norteiam essas permutas e, além disso, com o efeito expressivo de sentido que elas tomam dentro dos enunciados.

Os motivos pelos quais as combinações são feitas vão desde fatores idiosincráticos, ou seja, de preferências particulares do enunciador a, até mesmo, fatores externos que agem sobre o indivíduo – estes, culturais, políticos, econômicos, dentre outros tantos. Segundo Câmara Jr (1977, p. 64),

O sistema de ordenação dos elementos linguísticos na frase, ou sintaxe, é muito menos cerrado do que o das formas e o dos sons, pelo menos numa língua como a nossa. As possibilidades de escolha são aí numerosas, pois o princípio intelectual diretor só se fixa realmente nuns poucos pontos essenciais.

Entretanto, **não podemos entender cada subclassificação da Estilística como ramos à parte, estanques. Em um texto, existe uma cooperação contínua dos eventos** sintáticos, fônicos, morfológicos para que ele vá, gradativamente, construindo seu sentido.

Veremos a manifestação dos fenômenos sintáticos, dentro do escopo estilístico, “na regência, na concordância; na colocação dos termos na oração, na colocação dos pronomes,

etc.; no emprego expressivo das chamadas figuras de linguagem, do anacoluto, etc.” (BECHARA, 2014, p.189).

Observemos um trecho de poema a seguir, de Manuel Bandeira:

#### A estrela

Vi uma estrela tão alta,  
Vi uma estrela tão fria!  
Vi uma estrela luzindo  
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!  
Era uma estrela tão fria!  
Era uma estrela sozinha  
Luzindo no fim do dia. (BANDEIRA, 2007, p. 164)

Ainda que em uma leitura superficial, é possível perceber que existe uma repetição – faz bem destacar que intencional –, em particular nas 1ª e 2ª estrofes; naquela, quando observamos a constante presença do verbo “ver” e, nesta, com relação ao verbo “ser”.

Temos, então, uma figura de sintaxe muito presente nos textos literários, a chamada **anáfora**, que consiste em uma repetição inicial de termos para enfatizar uma ideia. Não por acaso os verbos “ver” e “ser” aparecem com frequência. O eu-lírico deseja, de forma categórica, afirmar que viu a estrela e, além disso, reforça suas características mediante a utilização de um verbo não-nocional (de ligação) para introduzir as características encerradas pelos respectivos predicativos – alta, fria, sozinha.

### 3.2.2 Estilística Semântica

Assim como o estilo pode ser trabalhado segundo o plano do arranjo sintagmático do código, também poderá sê-lo no plano do conteúdo.

A linguagem literária utiliza recursos associativos não só para se fazer entender, como também garantir a expressividade textual, o realce, pois, do caráter subjetivo da mensagem. É aqui que a linguagem figurada mostra sua face mais latente, embora os outros tipos estilísticos não deixem de fazê-lo. Essa esfera de estudo estilístico, de cunho essencialmente cognitivo, uma vez que apela para os processos mentais de representação dos elementos, é responsável por descrever o princípio de funcionamento associativo entre o pensamento humano, conhecimento linguístico e conhecimento de mundo: vemos, aqui, a dupla face que o significado assume em sua realização dentro do signo linguístico, levando-se em conta, ainda, as ideias de Saussure. Essa linguagem figurada utiliza figuras de retórica que habitam no nível do intelecto, do pensamento; mais especificamente, levam em conta a capacidade humana de estabelecer uma ponte entre significado real, funcional, e figurado, este em aspecto conotativo.

Responsáveis por esse processo, metáforas, metonímias, catacreses, hipérboles e todas as demais *figuras de tropos* são elementos de retórica suficientemente capazes de, mediante seleção e combinação de seus enunciadores, produzirem efeitos de sentido em seus interlocutores, variando o grau de compreensão, relativamente, em função do conhecimento de mundo que estes possuem. Segundo Cherubim, (1989, p.150), “não resta dúvida, porém, de

que, quando se fala de ESTILÍSTICA SEMÂNTICA, pensa-se na presença, num estilo, da linguagem quer como da imperfeição inteligência do homem, como quer Bally, quer como artifício de natureza retórica.

### 3.2.3 Estilística Fônica

Quando falamos de estilística fônica, também conhecida como estilística do som, o objeto de estudo será voltado para os recursos fonético-fonológicos expressivos que contribuem para a significação da mensagem.

Cabe ressaltar que os valores de som assumidos pelas palavras quando da utilização de fonemas específicos não é algo necessariamente lógico. Na verdade, dentro de um contexto específico, o leitor atribui aos fonemas um dado sentido.

Diz Câmara Jr. (1977, p.41) que

É evidente que esses valores sônicos não ficam aderidos permanentemente às palavras em que assim os surpreendemos. É preciso que o estado psíquico do sujeito falante e o dos ouvintes tenham transposto a linguagem para além do plano meramente intelectual. A frase puramente informativa é neutra a esse respeito, e nela a motivação sônica se esvai.

Preliminarmente, já tratamos de um dos recursos de expressão para atribuição de sentido: a aliteração, que consiste na repetição de sons consonantais para construção de um efeito específico no texto. Por outro lado, constitui-se assonância a sequenciação de fonemas vocálicos.

Essas figuras fazem mais parte do nosso cotidiano do que imaginamos. Veja-se a frase utilizada na propaganda de água mineral “Levíssima”: “Viva leve, viva levíssima.” (LEVÍSSIMA)

No anúncio, é possível perceber algo interessante – existem dois fonemas que se repetem, notadamente /v/ e /l/. Ao empregar esse recurso, a intenção é clara: sugerir um movimento, representado pelo verbo “viva”, anaforicamente, dentro de uma modalidade conativa, com o intuito de realmente convencer o público-alvo, mas, além disso, demonstrar que esse viver deve acontecer em um ritmo fluido, natural, ideias representadas pelo fonema /l/, o qual integra os advérbios leve e levíssima (este último em grau superlativo absoluto sintético). Essa ideia é, ainda, reforçada pela assonância de /i/, fonema que sugere agudeza, cujo som parece entoar de maneira apelativa.

A título de curiosidade, a própria palavra Levíssima assume dupla conotação: ela pode estar referindo-se ao verbo “viver”, modificando-o, portanto, ou indicar a ideia de que Levíssima é algo essencial à vida, esta última mais pertinente, uma vez que se trata de uma propaganda cujo fim é convencer o consumo. Ainda assim, parece interessante destacar o jogo de palavras que compõe o discurso publicitário.

## 4 ESTILÍSTICA, SINTAXE E SEMÂNTICA NA ANÁLISE DOS POEMAS DE CAMÕES

Agora, iremos tratar, de forma prática, sobre o funcionamento das teorias anteriormente vistas a respeito da Estilística, da Sintaxe e da Semântica, estas a trabalho de uma área macro, a Análise do Discurso. Cabe ressaltar que essas teorias têm uma aplicabilidade possível em diversas tipologias textuais que não apenas no discurso poético, embora algumas características sejam muito próprias de textos literários, como as figuras de linguagem e recursos de

conotação, estes não recomendados e que pouco figuram em textos, por exemplo, de cunho científico (não-literários) em que a linguagem apresenta uma feição mais objetiva e voltada não para os fatores subjetivos, mas para a precisa informação. Tem-se, pois, um recorte possível de ser estendido a outras formas de comunicação verbal.

Veremos, enfim, como Camões, enquanto um escritor inovador na forma de utilização da linguagem, utiliza-a para se expressar, os recursos linguísticos presentes e a intencionalidade havida desde o nível fonético (considerado a estrutura mínima da palavra) até o nível semântico (a formação do sentido e interpretação deste no contexto dos respectivos enunciados).

Chega-se, aqui, portanto, ao momento de se colocar em prática as teorias linguísticas estudadas.

## 4.1 ANÁLISE DOS POEMAS

A análise de um poema requer cuidados especiais; o primeiro deles é a respeito do primeiro olhar sobre o texto: a princípio, é interessante nos atentarmos à sua forma – se está estruturado em soneto, balada, ode); em seguida, analisar a sua métrica (executar a escansão, ou seja, mensurar as características de rima, de sílabas poéticas, tonicidade destas, em suma, a escansão propriamente dita), pois ela também denuncia características e pistas muito peculiares sobre o autor e as justifica, levando-se em conta essa condição inserida em um contexto sócio-histórico, ou seja, a respectiva escola literária estudada; por fim, a análise linguística, esta compreendendo desde o menor nível da palavra – os fonemas – até o maior, que é quando o vocábulo adquire um sentido mediante aplicação dentro de uma determinada situação exposta no texto.

O entendimento dessas variáveis nos permite diminuir consideravelmente o risco de ruído na interpretação; em outras palavras, quando entendemos aquilo que nosso subjetivo capta, misturando nossos sentimentos ao texto, não assimilando necessariamente a ideia que está sendo passada no poema.

### 4.1.1 Amor é fogo que arde sem se ver

Amor é um fogo que arde sem se ver, (A)  
 é ferida que dói, e não se sente; (B)  
 é um contentamento descontente, (B)  
 é dor que desatina sem doer. (A)

É um não querer mais que bem querer; (A)  
 é um andar solitário entre a gente; (B)  
 é nunca contentar-se de contente; (B)  
 é um cuidar que ganha em se perder. (A)

É querer estar preso por vontade; (C)  
 é servir a quem vence, o vencedor; (D)  
 é ter com quem nos mata, lealdade. (C)

Mas como causar pode seu favor (D)

nos corações humanos amizade, (C)  
se tão contrário a si é o mesmo Amor? (D)

Um dos poemas mais famosos de Camões (2018), “Amor é fogo que arde sem se ver”, apresenta uma temática bem evidente: o amor e suas consequências. Reflexões sobre o amor e a vida são muito recorrentes nos poemas camonianos.

O próprio título, de pronto, já apresenta um elemento passível de análise – um oximoro ao apresentar a figura do fogo sem que ele cause um efeito de dor, sinestésico “arde sem se ver”. Tal oposição já anuncia a transição do Classicismo para o Barroco – o maneirismo – também marcado por fortes figuras contrastantes dentro de suas composições.

É interessante notar como as marcas linguísticas entregam as intenções do autor: nos dois primeiros quartetos e no penúltimo terceto, a repetição constante do verbo ser – “é” –, caracterizada como anáfora, reflete uma tentativa constante de definir o amor. Os paradoxos que coexistem internamente no texto harmônica (do ponto de vista da intencionalidade) e desarmonicamente (no espectro da lógica verossímil da realidade) conferem uma verossimilhança interna, ou seja, uma afirmação que é verdade se considerarmos a realidade intra e não extratextual – **dor** que desatina **sem doer/ferida** que dói e **não se sente/contentamento descontente**, dentre os outros existentes – e parecem, inclusive, reforçar essa dificuldade de significar o sentimento amoroso de forma objetiva e, concomitantemente, encontra apoio em sinestésias – sensações delimitadas pelas palavras aludindo aos sentidos visuais, táteis, olfativos e palatais –, quando da utilização das palavras dor, arde, doer. Isso se perpetua, ainda, quando vemos a predominância de substantivos no texto (amor, fogo, ferida) ou mesmo verbos transformados em substantivos, nominalizados, (um andar, um não querer, um cuidar) na aparente tentativa de concretizar, materializar o sentimento amoroso para, a partir da transposição do mundo inteligível para o mundo material, seja possível compreender o que é, de fato, o amor. Tentativa essa que ainda esbarra na utilização de orações subordinadas adjetivas restritivas (“... que arde sem se ver”, “que dói e não se sente”, “que desatina sem doer”). A função das subordinadas, aqui, é fundamental: elas evidenciam que o sentimento tratado no poema não é **qualquer um**, pois **ele** assume um destaque, um protagonismo diante de um amor efêmero, o qual se sente de maneira natural entre dois seres, ultrapassando até mesmo os limites da razão, embora a racionalidade esteja fortemente presente quando consideramos, além da forma estrutural rígida do soneto, **a própria característica do Classicismo – a intensa reflexão sobre os aspectos que norteiam o ser humano** (os sentimentos, a sociedade, a religião).

Percebamos, pois, que, apesar de uma temática humanista, em nenhum momento a tratativa do amor é carregada de sentimentalismo exacerbado; antes, dá lugar a uma proposta de argumentação muito contumaz a respeito de como podemos pensar ser esse sentimento, sobretudo sob o escopo da razão. A literatura daquele momento, baseada em uma filosofia aristotélica, pautava-se, fundamentalmente, na essência dos conceitos humanos universais e a argumentação dialógica existente parece, a todo momento, tentar convencer o leitor por meio de um raciocínio muito bem tecido.

Nota-se, portanto, a presença de um silogismo, ou seja, durante grande parte da extensão do poema – especificamente da 1ª à 3ª estrofes – a tentativa de definição pautada em um raciocínio lógico, lembrando bastante (dadas as devidas proporções) textos de tipologia dissertativa-argumentativa, em que o autor apresenta a tese, desenvolve e a conclui. A diferença é que no texto de Camões, por ser um texto poético, a arte literária irá se expressar por meio das figuras estilísticas que transformam a palavra em um instrumento poderoso de construção



de um sentido conotativo, ilustrado; é nesse contexto, pois, que a antítese presente no poema é fundamental em seu esqueleto estrutural e ela toma uma forma ainda mais intensa quando da utilização das palavras amor e amizade, na 4ª estrofe, já como conclusão de suas induções e conjecturas a respeito do amor e apresentando uma dúvida: “Mas como causar pode seu favor/nos corações humanos amizade,/se tão contrário a si é o mesmo Amor?”.

A composição estrutural do poema já sugere essa logicidade. Montado em uma estrutura de rimas interpoladas do tipo ABBA nos quartetos e ABA nos tercetos, vemos, em especial nas quadras, que as estruturas A-A são construídas em torno de rimas pobres, ou seja, palavras de mesma classe gramatical (ver/doer, ambos verbos) e, no seu interior em B-B, rimas ricas, formadas por palavras de classe gramatical diferente (sente/descontente, um verbo e um adjetivo, respectivamente).

Se pensarmos no sentido que isso assume na tessitura textual, poderíamos deduzir, sem exageros interpretativos, que a riqueza das rimas no interior das quadras pode sugerir, por ser o amor um sentimento muito interno e demasiado profundo, o quão são implícitas as suas virtudes e nobrezas as quais, a princípio, **não saltam aos olhos, sendo necessário analisar a própria complexidade do sentimento amoroso para se chegar, talvez, a uma conclusão que pode ou não responder** satisfatoriamente aos anseios de quem se propuser a pensá-lo de forma crítica, **uma vez que ele próprio é subjetivo em sua essência.**

Segundo Saraiva (1980, p. 83),

A originalidade de sua estrutura é dada pelo terceto final que, após uma série de onze proposições lapidárias, correspondentes a outros tantos versos, termina por uma pergunta que define a suprema contradição: “se no Amor tudo são contradições, como pode ele conduzir os corações à conformidade?”

Ainda sobre as rimas, afirma, também, Brandão (1989, p. 31) que

As figuras fônicas subvertem a relação sintática da frase, destroem a unidade lógico-gramatical, que se vê, desse modo, alterada proporcionalmente ao grau de coesão exercida pelo princípio infringido. Duas frases coordenadas, por exemplo, apresentam um grau menor de coesão entre si do que a relação entre o sujeito e seu verbo ou o substantivo e seu atributo. Quanto maior o grau de coesão lógico-semântico, maior será, consequentemente, a ruptura.

Além disso, dentro das unidades mínimas, as lexias, nota-se a presença de assonâncias – recorrência de sons vocálicos repetitivos e toantes – as quais aparecem em trechos como “amor é um fogo que arde sem se ver”, no qual o fonema /e/ se repete com regular frequência, geralmente significado vibração, algo estridente, ressaltando a sensação da dor a desatinar e não dói, da ferida cuja dor não se sente, parecendo se querer prolongá-las ao som dos dígrafos vocálicos nasais “en” presentes nas lexias “sente”, “contentamento” e “descontente”.

Em outras palavras, parafraseando essa estrofe, é como se perguntar: “como um sentimento como Amor, que supostamente traz a felicidade, pode trazer, ao mesmo tempo, o sofrimento nos corações humanos?”. Linguisticamente falando, a representatividade desse sentido contrário é dada na inversão brusca dos termos das orações – para além do sentido proposto pelo oxímoro ideológico que a palavra amor assume, reforçada pela palavra “contrário” –, uma sínquise, que justamente “desenha” no poema essa aparente confusão entre o que se pensa do amor e o oposto de seu efeito nos corações humanos. Para Castagnino (1968, p.325), “(...) A ordem estaria, então, condicionada pela dupla razão da importância

que adquirem no espírito do falante as ideias que expressa e pela importância que têm na realidade.”

Ressalte-se, ainda, que a alma do poema se constitui em torno de metáforas que resultam em paradoxos – metáforas e oximoros são, pois, o centro do poema. A relação entre as palavras como amor e fogo em “Amor é fogo...”, por exemplo, só é possível pela aproximação das ideias encerradas por elas. O amor enquanto sentimento abrasador e o fogo com o mesmo intuito, realçando a intensidade daquele. Isso é marca dos autores clássicos como Camões. Percebe-se, aqui, a influência do contexto literário no discurso.

Nesse primeiro poema analisado, vemos como a práxis linguística se realiza gradualmente, desde o nível menor – dos fonemas –, passando pela estruturação das frases – sintaxe, o estudo do estilo e da expressividade – estilística e suas ramificações – e terminando na atribuição de sentidos das palavras dentro de um discurso – semântica. Faz-se presente aqui, assim como ocorrerá na próxima análise, a ideia proposta por Pêcheux quando sugere uma ampliação acerca do estruturalismo saussuriano – importante teoria que fundamenta as bases da Linguística, mas que nega a exterioridade, o contextual – ao atribuir aos signos verbais sentidos, mediante a aplicação destes no discurso. Ou seja, a frase e sua estrutura sintática ganham um contorno e uma razão de ser.

Não podemos negar o fato de que a palavra é a materialização verbal do pensamento e, como tal, está atrelada a um sujeito, este resultado de muitas experiências; sendo assim, o enunciador, para além da estanteadade pragmática estruturalista, contudo formulador da mensagem, é um elemento importante a ser considerado, bem como todos os fatores de produção do discurso – aqui, tomando-se por base o discurso poético.

#### 4.1.2 Ao Desconcerto do Mundo

Os bons vi sempre passar (A)  
 No Mundo graves tormentos; (B)  
 E pera mais me espantar, (A)  
 Os maus vi sempre nadar (A)  
 Em mar de contentamentos. (B)  
 Cuidando alcançar assim (C)  
 O bem tão mal ordenado, (D)  
 Fui mau, mas fui castigado. (D)  
 Assim que, só pera mim, (C)  
 Anda o Mundo concertado. (D)

Mais um tema universal sendo tratado neste poema, injustiça, é tratado com maestria com Camões. No texto, o eu poético – também chamado de eu lírico – demonstra sua insatisfação pelo fato de ter sido correto, ter apresentado um comportamento considerado de boa índole diante dos padrões éticos da sociedade (consciente da dualidade entre as ações boas e más) e, ainda assim, passar por demasiados castigos e problemas, diferentemente daqueles que sempre apresentaram comportamentos e atitudes maldosos, antiéticos. Ao final, o narrador ainda diz ter tentado se adequar ao perfil dos maldosos para poder usufruir dos benefícios por estes conseguidos, porém o desconcerto havido no mundo para ele não funcionou; ao contrário, foi punido pela sua ação condenável.

Novamente, assim como no poema anterior, vemos uma tendência barroca a se apresentar em vários momentos do referido texto: externamente, a oposição (característica, reiteramos, básica da escola seguinte) é trabalhada sobre as características de bom e mau e, internamente, mediante os conceitos bem e mal – ideologia do discurso; além disso, as antíteses construídas sobre as ideias expressas pelos pares de lexias (tormento/contentamento; desconcerto/concerto). Retomaremos, posteriormente, na questão semântica, o efeito e as possíveis hipóteses dessas construções em nível de estilística lexical.

Em um poema constituído de duas quintilhas em redondilhas maiores (versos heptassílabos, ou seja, com tonicidade na 7ª sílaba), a musicalidade é garantida, foneticamente, mediante a aproximação de sons na mesma sequência, para além apenas da rima, esta enquanto semelhança sonora de palavras finais e de versos diferentes, algo que garante a cadência rítmica, tal como: “ Os bons vi sempre passar/ No Mundo graves tormentos...” e, ainda, a aproximação de dígrafos nasais. Interessante notar o jogo fonético – entrando, pois, no contexto da estilística fônica – entre a vogal “o” em “Os bons”; note-se que o primeiro fonema /o/, tal qual o seguinte em bons, /õ/ são semifechados, posteriores, arredondados, mas o primeiro é oral enquanto o segundo é nasal, algo que evidencia o trabalho com a oposição inclusive nas unidades mínimas das palavras, os fonemas. Esse jogo se perpetua ao longo do poema com outras vogais (graves/tormentos; fui/mau ...). Segundo Jakobson (1973, p. 149),

Em poesia, não apenas a sequência fonológica, mas, de igual maneira, qualquer sequência de unidades semânticas tende a construir uma equação. A similaridade superposta à contiguidade comunica à poesia sua radical essência simbólica, múltiplice, polissêmica. [...]

Além da estrutura fonética que garante ao poema não só a musicalidade mas também a constituição do sentido, é preciso destacar, agora, no campo da Morfologia, a presença constante de substantivos, pelo mesmo motivo apresentado no escrito anterior: a tentativa de materialização do conceito, o qual, curiosamente, transforma palavras normalmente de natureza adjetiva em substantivos por meio do processo de substantivação ao acrescentar os artigos definidos à frente das palavras “bons”, “maus”. O efeito semântico desse processo de nominalização enriquece o texto, à medida que, no apelo ao imaginário do leitor, torna-se possível figurar, mais precisamente, a pessoa a representar os juízos de bom e mau.

Paralelamente a isso, na esfera da morfossintaxe, temos objetos formados por substantivos essencialmente abstratos. Isso se justifica, também, como característica da escola clássica: a reflexão acerca de fatos, embora em leve tom lírico, porém racionalizados e canalizados sob o olhar da razão, concentrando o conceito no espectro do pensamento idealizado de uma realidade verossímil.

No século XVI, predomina, não sem polêmica, a adoção de critérios rígidos e fica estabelecido, entre outros princípios, que lírica é a poesia feita das reflexões do poeta; dramática é a poesia em que a pessoa do poeta não intervém; épica é um conglomerado das atitudes anteriores. (PROENÇA FILHO, 1986, p. 66).

Esse poema, como veremos também no nível da sintaxe, apresenta uma quebra de paradigmas interessante sob o ponto de vista gramatical; ainda no âmbito dos substantivos, cabe evidenciar que eles são formados a partir de palavras as quais, dentro do estudo das classes gramaticais, entendemos como adjetivos ou advérbios – “Os **bons**, os **maus**, o **bem**. A chamada flutuação categorial demonstra que as classificações taxonômicas, adotadas didaticamente para o estudo das classes de palavras, não são estanques: a substantivação de adjetivos no pla-

no semântico parece confirmar, de fato, esse desconcerto afirmado pelo eu lírico, no sentido de desarranjar estruturas que aparentam determinada lógica. Ainda que tal substantivação não seja plena, ou seja, o adjetivo não assuma necessariamente todas as características de um substantivo como, por exemplo, flexão de gênero no referido caso, esse recurso estilístico permite a busca da universalização dos conceitos expressos pelo autor em sua obra.

Em resumo, observamos em relação aos adjetivos [...] dois níveis distintos de substantivação: o nível de substantivação plena, em que os adjetivos passam a ter todas as propriedades dos substantivos, e o nível de substantivação precária, em que a forma, aparentemente substantiva, mantém sua função adjetiva, seja em termos de caracterização genérica, seja em termos de substantivação de um elemento implícito no contexto. A substantivação precária é acessível virtualmente a todos os adjetivos [...], enquanto a substantivação plena é de ocorrência bastante restrita; a relevância da distinção se evidencia no teor de previsibilidade para cada caso.” (BASÍLIO, 1982, p. 7)

Além disso, Camões bem como grande parte de sua obra, desmistifica, também, a ideia que se tem a respeito de sujeito e sua colocação na frase. Diga-se isso quando pensamos que, no ensino regular, em especial, a ideia de sujeito é aquele que se pode, facilmente, identificar na sentença. Todavia, em muitas oportunidades, trata-se de um termo que pode ora ser invertido para efeito de topicalização ou mesmo nem aparecer, caso que constitui um fenômeno de eclipse. Semanticamente, isso ocorre pois o foco da informação não é o enunciador, em particular o eu poético que se apresenta na trama, mas sim a quem ele direciona o discurso, sobretudo seus juízos de valor, tal como fica claro em: “Os bons vi sempre passar/no Mundo graves tormentos.”. Uma análise desatenta nos permitiria pensar que o sujeito de ver é “Os bons”, quando, na verdade, o agente do verbo transitivo direto está implícito, sendo descoberto pela análise da desinência do verbo “ver”, na 1ª pessoa do singular, eu. Conclui-se, pois, que tanto a omissão do sujeito quanto a sua posposição atendem a critérios não só estilísticos mas também semântico-pragmáticos, volitivamente. A causa desse fenômeno linguístico é explicada, inclusive, psicologicamente, algo corroborado por Gildin (1980 apud PONTES, 1986, p. 75) ao dizer que “é mais fácil concentrar nossa atenção em itens que são claramente delimitados e definidos do que concentrar nossa atenção naqueles itens que não são identificados ou cujos limites são obscuros, daí indefinidos.”

Também complementa Perini (2008, p.49), acerca do sujeito elíptico, quando da decodificação do enunciado pelo receptor: “O fato de o receptor processar frases a partir apenas de informação sensorialmente perceptível – utilizando, é claro, sua informação prévia sobre a língua e o mundo – precisa ser incluído na análise.”

Em outras palavras, esconder o sujeito da oração como fez o autor é uma ferramenta estilística assaz eficiente quando se quer colocar o tópico frasal na informação e não no enunciador, no caso, eu lírico; do mesmo modo, quando vemos no trecho “Fui mau, mas fui castigado...”, é interessante perceber, novamente, a relevância ao juízo e não ao enunciador, o “eu” a falar, representado pelo predicativo “mau” e, posteriormente, o ato do castigo retomado pela anáfora do verbo “ser”, ou seja, é notória uma relação de causa e consequência no discurso sem que adotemos o paradigma estrutural costumeiro das relações de subordinação entre sentenças – nas quais uma oração funciona como termo sintático da outra –; ao contrário, vemos orações subordinadas (semanticamente) dentro do processo convencional de coordenação, encabeçado pela conjunção coordenativa adversativa “mas”, realçando a ideia antitética geral do poema, trabalhando com a quebra da expectativa: se os bons são castiga-

dos e os maus recompensados, ao ser mau, logo haverá recompensa, isso em um raciocínio puramente lógico dentro da verossimilhança interna do texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar de que forma o sentido é produzido dentro de um texto. Nesse intento, tentou-se elencar os diversos fatores que influem na construção de um discurso, em particular o poético, desde variáveis históricas – tais quais as condições de produção da obra – até linguísticas; nesta última, as considerações levaram em conta as contribuições teóricas da semântica, da sintaxe e da estilística; para tanto, tais áreas trabalharam em favor da Análise do Discurso para que ganhassem, na prática, uma aplicação objetiva.

Tal investigação não se ateve apenas aos motivos histórico-sociais de produção dos poemas. Obviamente, a ideologia neles presente reflete o pensamento daquele período (renascentista), mas não só; pretendeu-se, nessa pesquisa, adentrar as entranhas de um texto, desde as unidades mínimas das palavras (fonemas) até a estrutura macro (o texto, integralmente, na sua formação estilístico-sintática) para que se pudesse justificar, também dessa forma, mediante a concretização verbalizada do pensar o signo, as respectivas concepções ideológicas.

Esse trabalho de análise textual, portanto, apresenta um resultado bastante interessante do ponto de vista prático: o ato de linguagem ganha uma significação, um motivo de existir – comunicar. Contudo, comunicar, para o texto literário, foge aos padrões convencionais ditados pela utilização denotativa das palavras, pois vai além: sugere um mergulho profundo na ressignificação daquilo que se entende por linguística, a chamada linguística textual. Se assim o fosse, perderia todo o potencial catártico no público leitor – sobre isso, explanaremos nos parágrafos posteriores. Dessa forma, a interpretação de um escrito mediante aplicação das ferramentas teóricas fornecidas pela Linguística auxilia, sobremaneira, a compreensão não apenas no nível superficial do texto – o conjunto de frases que o compõe –, como também um estudo complexo do sentido que se pretendeu dar àquelas palavras, a intencionalidade. Nesse contexto, portanto, segundo Maingueneau (2008, p.1502),

[...] l'étude précise de phénomènes linguistiques contribue à l'interprétation d'un passage ou d'un texte singuliers découpés dans une œuvre, de façon à les rapporter à leur créateur et à son positionnement esthétique ; on retrouve ici la démarche stylistique traditionnelle. [...] l'analyse s'efforce de caractériser linguistiquement un ensemble discursif construit comme *corpus* : ensemble de textes relevant d'un auteur, d'un genre, d'un positionnement... Cette fois, il s'agit avant tout de modéliser une zones de régularité." <sup>7</sup> (grifo do autor)

A abordagem semântica apresenta resultados importantes. Aqui, busca-se a compreensão do sentido e o impacto que ele causa no leitor. Notamos que, com efeito, semântica e Análise do Discurso (AD) estão intimamente ligadas, porém, ao longo do trabalho, verificamos a linha tênue que as difere: na semântica, o sentido não está na língua, senão na práxis linguística; na AD, o discurso não se encontra necessariamente na fala do enunciador, mas na ideologia por ele veiculada. Nessa temática semântica, a busca pelo sentido é tratada como objetivo principal e, em sua aplicação posterior, traz à luz todos os conceitos aplicados nas análises.

Logo após, a sintaxe se mostra como ferramenta auxiliar nesse processo. Entendendo, primeiramente, como funciona as estruturas sintagmáticas da língua e, nelas, como funciona cada palavra dentro da sentença, pôde-se investigar os motivos pelos quais o autor dispõe o

léxico e os efeitos que essas escolhas causam na constituição dos enunciados, seja em termos de intencionalidade comunicativa ou rigor formal, situações justificadas e ponderadas nas análises subsequentes. Para tanto, mesclaram-se, de forma complementar, conceitos da teoria estruturalista de Saussure e gerativistas de Chomsky.

A Estilística também recebe um papel de destaque tanto na teoria quanto nas análises, já que, em se tratando de um texto literário, enumeram-se e caracterizam-se ferramentas que conferem expressão e tônica às **palavras; é nessa hora que as figuras de linguagem protagonizam um cenário importante: a utilização de uma linguagem diferenciada, propriamente característica do discurso literário. Obviamente, entendendo que a estilística é uma ciência mais abrangente ainda, as variáveis fonéticas, sintáticas e morfológicas foram consideradas, entretanto como constituintes de um estilo, senão idiossincrático apenas, mas a serviço de um todo enunciativo. Cabe, aqui, uma abordagem até mais ampla: as motivações que levam um determinado autor a escrever desta ou daquela maneira, a qual, acreditamos, foram atendidas nas análises, embora caiba, com mais ênfase à psicologia da linguagem, sendo esta uma área ainda mais ampla, que sugere, inclusive, motivações para outros trabalhos focados nesse temática em particular, abarcando, sobretudo, o indivíduo e seu comportamento, não sendo este último o objetivo principal desta pesquisa.**

A psicologia da Linguagem também está interessada em saber como as pessoas usam os sistemas linguísticos adquiridos, isto é, no que tem sido chamado de *desempenho*, em oposição à *competência*. Uma explicação científica de como as pessoas usam a linguagem está atualmente longe de ser alcançada. A psicologia da linguagem tem de explicar fundamentalmente uma grande parte do conhecimento humano, *uma vez que o uso da linguagem está muito envolvido com o comportamento humano*. (HILL, 1972, p. 168. Grifo do autor)

É por isso que verificamos ser Camões o principal ícone da Literatura Portuguesa. Mediante esta pesquisa, vemos a enorme maestria em explorar os recursos que a linguagem oferece em suas obras, em especial as líricas as quais são objeto de estudo deste trabalho, enriquecendo-as, além de sugerir um novo olhar no estudo de seus textos, os quais são trabalhados no ensino regular – e abre-se uma oportunidade de justificar o estudo das referidas áreas linguísticas no ensino fundamental e médio. O legado que o escritor deixa para a Língua Portuguesa ultrapassa o limite, portanto, da esfera literária, na qual naturalmente é mais comentada, pois atinge também outras áreas do conhecimento humano, tais quais a Filosofia, quando mencionamos sua inspiração em Platão e Aristóteles e a dicotomia entre mundo material e inteligível (ideal), além de temas universais como o Homem e seu universo (a justiça, a verdade, o amor, dentre outros tantos concernentes), sugerindo uma profunda reflexão sobre esses assuntos; mas, sobretudo a Linguística – objeto do presente estudo – quando das possibilidades plurais de trabalho investigativo dos fatores linguísticos que abarcam a composição de seus poemas. Linguística e literatura, pois, trabalhando a serviço de um bem maior: a compreensão de tudo que nos rodeia, das pessoas, do mundo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BANDEIRA, M.. A estrela. In: *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- BASÍLIO, M.. *Substantivação plena e substantivação precária: um estudo das classes de palavras em Português*.

- Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1982. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fLcWwc-sX28J:https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/download/3872/2850+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 16 set. 2018.
- BASSO, R.; FERRAREZI JUNIOR, C.. *Semântica, semânticas*. São Paulo: Contexto, 2013.
- BECHARA, E.. *Gramática Fácil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lucena, 2014.
- BRANDÃO, R. de O.. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática. 1989. (Série Fundamentos).
- CÂMARA JR., J. M.. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- CAMÕES, L. de.. [s.d.] Disponível em:<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>> Acesso em: 16 set. 2018.
- CASTAGNINO. R. H.. *Análise Literária*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- CHAROLLES, M.. *Cohésion, cohérence et pertinence du discours*. 1995. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00334043/document>>. Acesso em: 04 mai. 2018.
- CHERUBIM, S.. *Estilística Semântica*. 1989. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/viewFile/9177/7876>>. Acesso em: 14 jan. 2019.
- CUREA, A.. *Stylistique, science de l'expression, linguistique de la parole. Notes sur la nature du fait linguistique selon Charles Bally*. 2013. Disponível em: <[https://gerflint.fr/Base/Espagne6/Article2Anamaria\\_Curea.pdf](https://gerflint.fr/Base/Espagne6/Article2Anamaria_Curea.pdf)>. Acesso em 09 mai. 2018.
- DUCROT, O.. *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*. Campinas: Ponte Editores, 1987. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. S.. *Para entender o texto*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix; Universidade de São Paulo, 1973.
- GUIRAUD, P.. *La sémantique*. 4. ed. Paris : Presses Universitaires de France, 1964.
- HILL, A. A. *Aspectos da Linguística Moderna*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W.. *Semântica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- JAKOBSON, R.. *Linguística e Comunicação*. 6. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.
- LEVÍSSIMA. Disponível em: <<https://agenciasakusen.wordpress.com/category/publicidade/>> Acesso em: 28 mai. 2018.
- MAINGUENEAU, D.. *Stylistique, analyse du discours littéraire*. 2008. Disponível em: <<https://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/pdf/2008/01/cmlf08328.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.
- ORLANDI, E. P.. *Michel Pécheux e a Análise de Discurso*. 2005.
- PARRET, H.. *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin: De Gruyter, 1976.
- PÊCHEUX, M.. *Semântica e Discurso*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2010.
- PERINI, M. A. *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.
- PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V.. *Legados de Michel Pécheux inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.
- PONTES, E. S. L.. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.
- PROENÇA FILHO, D.. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios)
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- SARAIVA, M. de L.. Prefácio. In: CAMÕES, Luís de. *Lírica completa II*. Lisboa: Imprensa nacional Casa da Moeda, 1980. Vol 2.
- SAUSSURE, F. de.. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1971.

SAUTCHUK, I. *Prática de Morfossintaxe*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2004.

SCOTTINI, A.. *Dicionário Scottini*. Blumenau: Todo Livro, 2009.

### ABSTRACT

The linguistic analysis of the most varied texts offers a vast study domain, because the act of language includes, in its essence, the search of senses and variables that influence its constitution. This article contemplates a singular possibility of understanding linguistics as one part of the communicative process when analyzing a discursive corpus in an also literary perspective, as literature and linguistics represent, together, the main objective of any author: to transmit information. In this perspective, one of the greatest authors in the Portuguese language regarding his recursive potential and the precursor of a language that was still being formed and, thus, gradually, disassociating from its origin – Latin - is Camões, considered one of the greatest authors in Portuguese of all time. In this study, we seek to analyze the discourse of a sample of Camoes's lyric poems based on Linguistic areas such as Syntax, Stylistics and Semantics. The proposal aims to justify the learning of the linguistics concepts, especially the mentioned areas in discursive practice – notably, here, of the poetic texts. The understanding of these theories, in a expository way, can help text interpretation and can present an interesting view of the development in the textual practice, which will remount the speech itself.

### KEYWORDS

Camoes, discourse analysis, syntax, semantics, stylistics

## NOTAS

- <sup>1</sup> A semântica é o estudo do significado das palavras. Mas as observações, as teorias e os pontos de vista recentes apresentam agora esse velho problema; e, como todas as ciências, sejam elas muito antigas ou muito novas, a semântica sofre por não ter ainda exatamente definidos nem seu objeto de estudo, nem sua terminologia. É por isso que tanto o especialista quanto o leigo se encontram confusos diante dos empregos que encontram a cada dia desse termo. (Tradução nossa).
- <sup>2</sup> A análise linguística do discurso tem por missão essencial descrever essas marcas, cabendo às outras disciplinas explorar, caso necessário, os dados fornecidos por esse estudo, a fim de um melhor conhecimento dos fenômenos de todas as ordens ligados à circulação de textos e documentos na sociedade. (Tradução nossa)
- <sup>3</sup> Um discurso não é apenas uma simples sequência de enunciados uns após os outros (Tradução nossa)
- <sup>4</sup> De um lado, nos discursos, as palavras contraem-se entre elas, em virtude de seu encadeamento, das relações fundadas sobre o caráter linear da língua... Estas se arranjam umas à sequência das outras sobre uma corrente da palavra. Essas combinações que têm por base a extensão podem ser chamadas *sintagmas*. O sintagma é composto, portanto, sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: *reler; contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer um tempo bonito, nós sairemos, etc.*). (tradução nossa)
- <sup>5</sup> O nome (sintagma nominal) e o verbo (sintagma verbal) são as principais partes do discurso, aquelas sobre as quais é fundada a construção das frases. (Tradução nossa)
- <sup>6</sup> A estilística estuda os recursos de expressão de que dispõe uma língua, os procedimentos gerais empregados por ela para tornar pela palavra os fenômenos do mundo exterior bem como as ideias, os sentimentos e em geral todos os movimentos de nossa vida interior. (Tradução nossa)
- <sup>7</sup> “O estudo preciso de fenômenos linguísticos contribui para a interpretação de uma passagem ou de um texto singulares recortados em uma obra, de forma a levar ao seu criador e ao seu posicionamento estético; encontra-se aqui a abordagem estilística tradicional. (...) A análise tenta caracterizar linguisticamente um conjunto discursivo construído como *corpus*: conjunto de textos que abrangem um autor, um gênero, um posicionamento... Desta vez, trata-se, antes de tudo, de modelar zonas de regularidade. (Tradução nossa)